

Pedagogia do oprimido : educação e cidadania nas andarilhagens dos caminhos Brasil /Portugal

Mabel Solange de Figuerêdo Cavalcanti¹

Pedagogy of the oppressed: education and citizenship in the wandering of the paths Brazil / Portugal

*“Educar é aprender com o povo” Paulo Freire
(À Aninha, Moana, Judite e Carlos, com gratidão)*

Introdução

Nas suas andarilhagens Paulo Freire foi se compondo da massa de sonhos, lutas e contradições refletindo o cenário e o contexto do lugar de onde vem, dos lugares onde passou e do próprio lugar da educação no mundo. Em tudo, o homem e o educador Paulo Freire não se separam. Um mundo marcado pelas palavras que antes foram sentimentos, acrescidas sempre do gesto afetivo do diálogo ou dialogicidade tão transversal quanto o próprio Freire, na sua vida e na sua obra (Furter, 1985: 301).

De origem humilde, numa América Latina marcada pela desigualdade que afasta as pessoas e as aproxima das lutas, nasce a 19 de setembro de 1921 Paulo Reglus Neves Freire, no bairro populoso de Casa Amarela, Recife, Nordeste do Brasil. Esta sua infância é um mundo de afetos e diálogos de vida, onde a palavra resultava da curiosidade e das perguntas nunca esgotadas, escritas à sombra das mangueiras, no chão do mundo do quintal de casa e acabou por se alargar ao mundo. (Nóvoa e Apple, 1998; Gadotti, 1996). Deste muito cedo, apercebeu-se que, para se tornar cidadão do mundo a sua leitura do mundo pelo seu chão, e em contacto com outros povos e culturas como o próprio Paulo Freire (1995: p.25-26) dizia:

¹ Mestre em Políticas Sociais Instituto Superior de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
Graduado em Letras Português pela Universidade de Brasília - UnB (1997). Especialista em gestão de políticas públicas de cultura pela UnB (2008). Coletivo Paulo Freire Portugal,
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0971-6243> | E-mail: mabelinapinheiro@gmail.com

“Antes de tornar-me um cidadão do mundo, fui e sou um cidadão do Recife, aque cheguei a partir do meu quintal, no bairro de Casa Amarela. Quanto mais enraizana minha localidade, tanto mais possibilidade tenho de me espriar, me mundializar. Ninguém se torna local a partir do universal. O caminho existencial é inverso (...) Por isso, permita-se a obviedade, minha terra não é apenas o contorno geográfico quetenho claro na memória e posso reproduzir de olhos fechados, mas é sobretudo em espaço temporalizado, geografia, história, cultura. Minha terra é dor, fome, miséria, é esperança também de milhões, igualmente famintos de Justiça”.

Em finais da década de 1950 e início dos anos 1960, que vai experimentar a efervescência das suas ideias no Brasil, um país marcado por lutas políticas e sociais, fortalecendo o seu fazer educativo por uma prática libertária. Nesse tempo, ajuda a criar o Movimento de Cultura Popular/MCP (1960), grupo de educadores e artistas que lutavam pela alfabetização de adultos e a preservação da cultura popular, contribuindo também para o Movimento de Educação de Base/MEB, (21 de agosto de 1961) em Pernambuco. Em 1963, coordena a campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, no Rio Grande do Norte, Nordeste. Protagonizando a experiência da cidade de Angicos,

300 trabalhadores rurais alfabetizaram-se em 45 dias, utilizando o “Método Paulo Freire”, tornando-o conhecido nacionalmente. Por isso, é convidado a coordenar o Programa Nacional de Alfabetização, no Governo de João Goulart, que tencionava alfabetizar inicialmente 5 milhões de analfabetos, interrompido pela ditadura militar vinda do golpe de 1964 (Gadotti: p.72). Partindo para o exílio, Paulo Freire vai reinventando se, levando a sua práxis e oferecendo-a ao mundo:

“Defende uma educação da verdade, da utopia, da imaginação criativa e da tolerância ajudando-nos a pensar e a agir política e pedagogicamente numa dialética de unidade niversidade intimamente ligada a autenticidade da vida de Paulo, ao seu pensamento e trabalho” (Torres, 1996: p.51).

A Pedagogia do Oprimido: O Povo diz a sua palavra e constrói um caminho

Ao cunhar no processo educativo a palavra conscientização, Paulo Freire repudia a educação da repetição, dos conteúdos sem significados, ampliando o processo educativo a partir do que já se sabe até ao que se pode descobrir. Por isso, Paulo Freire (1967: p. 107) dizia: “É a consciência da aprendizagem quando se está aprendendo, de modo ativo, dialogal, crítico e criticizador”.

Ocupando a génese das reflexões educativas de Freire, a conscientização chama-nos sempre a atenção para a interligação entre educação e política. Lembra que a educação não pode ser pensada independentemente do poder que a constitui, nem desligada da realidade concreta na qual está inserida.

Interligando a consciência com a ação educativa, constrói um pensamento transversal de realidade multifacetada, composta de forças que se interligam e se contrapõem e que, refletidas, provocam o ato político de educar. Um conhecimento que é plural, histórico, que nasce no sujeito e é partilhado, tornando-se coletivamente transformador, provocativo nas mudanças e reflexões próprias, desafiador no contexto social considerado. Para Freire (1967: p.36): “É a Educação da auto-reflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço (...), auto-reflexo que levará ao aprofundamento conseqüente de tomada de consciência e que resulta na inserção na história, não mais como expectadores, mas como autores”.

Em 1968, Paulo Freire publica a sua obra mais conhecida no mundo, “A Pedagogia do Oprimido”, complementando suas reflexões sobre educação e conscientização. A sistematização das ideias de Paulo Freire e a conseqüente organização das mesmas num

“Método” usado aqui com aspas resultante de um pedido pessoal do próprio Paulo Freire em um dos nossos encontros de trabalho nos idos anos de 1990.

Usado na Campanha Nacional de Alfabetização, no início dos anos 1960, no Brasil, o “Método” de Paulo Freire é um conjunto de técnicas e conceitos pedagógicos que, testado na experiência de Angicos, nasceu nas salas de aula dos operários, quando Paulo Freire coordenava o Serviço Social da Indústria/SESI, no final dos anos 1950 (Gaddoti, 1998)

Os círculos de cultura, rodas de conversa dinamizadas por Freire, ficaram muito presentes em debates do Movimento de Cultura Popular, no Recife, nos anos 1960, esta forma de educação em movimento num conjunto de técnicas específicas, sempre acompanhadas de discussões sobre a realidade brasileira, privilegiando a cultura de cada grupo como elemento unificador e eixo temático principal. Para percebermos melhor o “Método”, diz Freire (1967: p.108):

“Pareceu-nos que o novo conteúdo programático da educação que defendíamos seria o conceito antropológico de cultura, à cultura como o acrescentamento que o homem faz do mundo que não fez. A dimensão humanística da cultura. A cultura como a função sistemática da expressão humana. O homem afinal no mundo e com o mundo. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto. A partir daí, o analfabeto começa a operação de mudança de suas atitudes anteriores. Descobrir-se-ia, criticamente, como fazedor desse mundo da Cultura.”

O “Método”, entendido como caminho metodológico reflexo do universo sociopolítico e sociocultural dos grupos, vai sendo construído e ganhando um novo significado à medida que Paulo Freire “anda” pelo mundo das ideias e dos lugares do mundo que visita.

O diálogo com o mundo, iriam favorecer o processo de alfabetização, através da conscientização do mundo, nas palavras que iam sendo descobertas. Reconhecidos os registros e partindo do que foi discutido, estava criado o “Método”, exercício criativo e criador sempre incompleto que se vai recriando, tal qual o mundo.

Freire (1967: p.113) descreve:

“Após o levantamento do universo vocabular dos grupos com quem trabalhara, feito nos encontros e facilitado nas rodas de conversa e círculos de cultura, levando-se em consideração as expressões particulares e vocábulos ligados às expressões dos grupos, são escolhidas as palavras geradoras, escolhidas pelo grupo respeitando a riqueza fonética, dificuldades fonéticas (respondendo as dificuldades fonéticas da linguagem, colocadas numa sequência que vá gradativamente das menores às maiores dificuldades). O teor pragmático da palavra, que implica numa maior pluralidade de engajamento da palavra numa dada realidade social, cultural, política, etc.”

Vejamos a experiência do “Método” em Brasília (BR) em construção, nos anos 1960, utilizando a palavra TIJOLO, vocábulo retirado dos debates circulares dos grupos de trabalhadores da construção civil, situação problematizadora identificada como “homens trabalhando numa construção” e contada por Paulo Freire (1967: p.117).

“Discutida a apresentação da palavra em seus aspectos possíveis, fazer-se-ia a vinculação semântica entre a palavra e o objeto que a nomeia. Visualizada a palavra dentro da situação, era logo depois apresentada sem o objeto -TIJOLO. Imediatamente apresentada em pedaços. Ti-Jo-Lo, partia para a reconstrução das famílias fonéticas (ta- te-ti-to-tu, ja-je-ji-jo-ju, la-leli-lo-lu). O grupo tende a reconhecer apenas a sílaba da palavra visualizada. Num, momento criativo e de reconhecimento dos pedaços, fazem-se exercícios de leitura para a fixação das sílabas novas, registradas por eles mesmos nas fichas de descobertas. As construções novas vão surgindo mediante as descobertas. Na primeira noite, em Brasília, muitos passam a escrever. Essa dimensão não é só fonética, é histórica”.

O “Método” percorre o mundo, saindo das experiências do Brasil. Vai ser enriquecido com os contextos na América Latina, nomeadamente em situações particularmente revolucionárias como o Chile e Cuba. Ajudou nas campanhas nacionais de alfabetização em vários países de África como a Guiné Bissau, Angola e São Tomé e Príncipe. Também em Portugal se desenvolveu o “Método”, antes do 25 de abril, através do Movimento Graal.

A Pedagogia da Esperança: Educação e Revolução

A liberdade é sempre um tema em Paulo Freire. Associada à educação que liberta, é palavra geradora em sua vida e obra, especialmente quando promove educação como prática inclusiva de cidadania, essência de qualquer sociedade democrática. Incomodando os opressores no Brasil, Paulo Freire parte para o exílio, primeiro para a Bolívia (1964) depois Chile (1964 /1969.) Começa um tempo (1964 - 1980) que pode ser visto, segundo Sampaio da Nóvoa (1996: p.173), como «de vagabundagem do óbvio, com uma forte ação político-educativa nos países ditos ‘em desenvolvimento’ e uma presença muito significativa nos meios académicos e universitários dos países ditos “desenvolvidos”.

A proposta de conscientização – a consciência crítica da realidade a ser mudada - teve imensa popularidade nos diversos processos de mudanças políticas e sociais na América Latina. Assim refere Carlos Alberto Torres (1996: p.124), essa conscientização era claramente percebida como “expressão de uma pedagogia socialista, trabalhada dentro da moldura histórico-materialista, redefinindo seus velhos temas existencialistas- fenomenológicos sem, no entanto, adotar uma posição ortodoxa.”

Revisitemos aqui uma memória significativa, vivida em São Tomé e Príncipe:

“Visitávamos uma pequena comunidade pesqueira (Monte Mário-São Tomé). Tinha-se como geradora a palavra bonito, nome de um peixe da religião e como codificação um desenho expressivo do povoado, sua vegetação, as casas, típicas, com barcos de pesca aomar e um pescador com um bonito na mão. O grupo de alfabetizandos olhava em silêncio a codificação. Em certo momento, quatro entre eles se levantaram, como se estivessem combinados e se dirigiram até à parede em que estava fixada a codificação(o desenho do povoado). Observaram de perto, atentamente. Depois, dirigiram-se à janela da sala onde estávamos. Olharam o mundo lá fora. Entrelharam-se, olhos vivos, quase surpresos e olhando mais uma vez a codificação, disseram “é Monte Mário”. Monte Mário é assim e não sabíamos. Em certo sentido, era como se estivessem emergindo do seu mundo, saindo dele para melhor conhecê-lo, pondo-se diante do mundo como sujeitos observadores” Freire (1981: p.12).

Em 1992, voltando ao Brasil, Paulo Freire propõe uma revisão das suas experiências e publica a “Pedagogia da Esperança: um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido”. Com esta obra, refaz caminhos e memórias, como afirma Nóvoa (1996: p.180): “O seu pensamento mantém uma coerência exemplar, sempre marcado pela preocupação com os mais desfavorecidos e com os excluídos da sociedade; mas, ao mesmo tempo, sente-se a emergência de temas e de linguagens até então menos presentes”.

É nesta obra que Paulo Freire (1992: p.175-178) escreve sobre o encontro, em tempos ainda ditatoriais, com as Mulheres do Movimento Graal em Portugal em 1969, a quem lhes chamou de “moças amorosas e dedicadas”.

Encontrando o caminho-Projeto Faz-Ler

“Me movo como educador porque primeiro me movo como gente, diz Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia (1996). E foi nesse movimento que fui me de me constituindo cidadã do meu mundo, dona do meu chão já moldado pelo barro da beira do Ipojuca, narrativa estética e figurativa feita pelas mãos artesãs do Alto do Moura, escrita no barrotauí pelos

Mestres de outras línguas e palavras, como Vitalino, que muitas vezes não cabem no código da alfabetização funcional, o povo artista do chamado “País de Caruaru” de onde venho e faço parte. Ali fui em busca de sentidos para minha existência, exercício de cidadania que a educação me ajudou a ser e construir. Assim encontrei Paulo Freire e tantos educadores, em tempos de difíceis oportunidades e muita opressão instituída, componham o mosaico de minhas memórias e tecem comigo agora esse registro, corporificando o meu acreditar.

Para Carmo (2014: p.40): “Para ser cidadão, é preciso aprender previamente a ser pessoa”, o que implica a necessidade de uma educação que promova autonomia, equilíbrio, capacidade de liderança e solidariedade. Quer para a Educação, quer para a Cidadania, trata-se de um exercício pessoal e coletivo, é uma tomada de consciência da condição de sujeito para poder agir coletivamente. Por isso, Paulo Freire (2017: p.142) promove vigorosamente a relação Educação-Cidadania porque acredita na “educação como praticidade de promoção de humanidades, da libertação como o inédito viável, da conscientização, alicerce da cidadania, prática social nascida da participação de todos sem esquecer cada um.”

Nasci em Caruaru, fui matuta moradora da capital, Recife, refazendo caminhos e “apreendências”. Nesses desafios encontro o Projeto Faz-Ler, meu primeiro amor em Educação e também primeiro trabalho, onde caminhei muitos anos e onde aprendi (e aprendo sempre) a acreditar e ler o mundo de forma crítica, humanamente amorosa e esperançante. Dessa experiência parti para todas outras, seja em outras instituições e experiências, seja no movimento sindical, sendo a primeira presidente da então fundada Associação dos Servidores Municipais, depois o SISMUC - Sindicato dos Servidores municipais de Caruaru.

Criado em 1983, sob os ventos da redemocratização do Brasil, o Projeto Faz-Ler nasce junto com uma nova proposta de sociedade, inclusiva, cidadã, ameaçada pelo índice assustador em Caruaru de 53% de sua população analfabeta. Tendo como liderança a professora Socorro Rabelo, ex integrante do MEB - Movimento de Educação de Base, marcante experiência educativa fincada na práxis Freireana nos anos 70, O Projeto Faz-Ler foi concebido para ir além do domínio do código de leitura e da escrita, sendo mobilizador cultural na cidade e zona rural de Caruaru, fundamentado nas ideias de Paulo Freire e com proposta de Educação que promova a intervenção no mundo de forma crítica e participativa” (Freire:1996).

Tudo nesse Projeto era diferente, Freireanamente simples e tão diferente de tudo que já se havia experimentado em termos de educação de jovens e adultos até então. A escolha dos educadores, chamados de coordenadores da aprendizagem, como pede a metodologia de Freire, era partir da identificação por parte da comunidade das suas lideranças, contando aqui seu poder de articulação social muito mais que seu grau de escolaridade.

Essas lideranças, eleitas por seu grupo dentro do tecido social que atuavam eram acompanhadas de um processo formativo e formador dentro da metodologia da Educação como prática da liberdade, passando a coordenar o processo de aprendizagens nas rodas de conversa e círculos de leitura: as salas de aula.

A pesquisa do universo vocabular, feito pelo coordenador junto a sua comunidade geravagrande ciranda de aprendizagens, formando o conjunto de palavras geradoras que compoem o “Caderno da Gente” - material pedagógico alfabetizador e leitor do mundo, num universo composto pelos sujeitos dessa história e que se abria ao mundo. Esse caderno cartilha, que tinha como principal personagem o Severino Vitalino, filho do Mestre Vitalino e guardião do seu Museu, espaço aberto ao surgimento de reflexão e registro de palavras e atividades alfabetizadoras, composto de 24 palavras e imagens relacionadas ao universo de vida dessa realidade abria diálogos e registro a uma nova biografia do meu povo e de minha cidade - Caruaru - cidade feita de artes e tecida pelo meu povo artista. Tudo se constituiria conteúdo, tudo se podia ler, escrever e transformar. O povo dizia o que pensava

e escrevia seus sonhos numa atividade dialógica de encontros, numa prática democrática comprometida com uma educação que promove autonomia e liberdade.

Chego ao Projeto em 1986, e vou construindo minha história de educadora e gente junto com o Projeto que já estava na estrada, com muita história pra contar. Ali vou compor a equipe técnica, responsável entre outras mediações, pela parte cultural do projeto. Começava assim a maior aventura de minha vida nos caminhos da educação. Atendendo a toda Caruaru o Projeto forma educadores e educandos e promove cidadania, atingindo mais de 10 mil alunos em salas de aula por todos os lugares do “Pais de Caruaru.”

A credibilidade do Projeto e sua “palavração” atinge grandes marcos. Somos visitados e tidos como referência no Brasil e na América Latina. Gente de todo canto vem aprender conosco enquanto vamos partilhando nosso desafios e ideias. Enquanto caminhamos vamos recebendo gentes e histórias e tecendo uma linda teia de vida e aprendizagens. A grandeza das ações faz nascer a “Campanha o Povo Ensina”, uma grande ação de mobilização que promove a educação em qualquer lugar que se possa ensinar e aprender, tendo como educadores formadores o próprio povo em espaços como salões comunitários, casas particulares, bodegas e toldas da feira livre e até em espaços abertos como o hall da prefeitura de Caruaru.

Sim, Educar é aprender como povo, nos diz Paulo Freire, e o povo da Nicarágua e da Colômbia vem nos visitar e trocar ideias, somos convidados a partilhar nossas experiências também com educadores da UNESCO através da educadora Alba Rodriguez, e começamos a compor nosso registro no Coletivo de Educação Popular movido pelos projetos de educação popular de Pernambuco, e organizado pelo SAPÉ(RJ), sob o comando da Educadora Aída Bezerra que nos “cutuca” a entrar no mundo da Internet, nos fazendo participar do BAM-Banco de Ajuda Mútua, um banco de textos sobre a educação Popular que circula na Internet, reparem só...isso lá nos anos 90..uma modernidade pra nós, bons matutos e matutas de Caruaru.

Nossa produção interna é vigorosa e muito intensa. Dentro do projeto é criado o Grupode Cultura, sob a direção do dramaturgo de Recife e um dos fundadores do MCP -Movimento de Cultura Popular Leandro Filho. O grupo, num trabalho ceno-poético escrito por Lídio Cavalcanti (meu Pai) adaptando o poema de Zé da Luz (poeta Paraibano) encenava “O crime é não saber ler” no pátio das escolas e nas ruas e praças de Caruaru e zona rural mobilizando as comunidades e chamando a atenção da população para a importância da Escola e de estudar nas salas de aula do Projeto Faz

-Ler. “Seu Tadeu”, papel desempenhado por Lídio na peça era um matuto que se metia numa grande encrenca, aponto de quase matar a esposa, tudo porque não conseguia ler um simples bilhete. Essa peça fez história e nós andamos com ela também em outras cidades indo até a Paraíba, cidade de São João do Tigre, para falar de Educação, Cultura e Cidadania. Trabalhei nela no papel de mim mesma, a professora. Daí criamos a Caravana da Cultura que andou muito dentro do Projeto Faz-Ler oportunizando inclusive que os artistas descobertos nas salas de aula pudessem apresentar cordéis, poesias e músicas. E a escola era mesmo a vida, e a vida era o melhor conteúdo da escola.

Cresci muito dentro dessa Equipe, composta por um grupo de estudiosos Educadores e educadoras que encontro até hoje. Com eles e elas formei uma grande família que anualmente tenta se reunir em torno de nossa querida Socorro Rabelo, grande Educadora e impulsionadora disso tudo. O trabalho andou mundos, e junto com ele nós. Nossa leitura de vida ampliava a cada ser que descobria através das letras que o seu pensamento registrava o quanto a vida pode ser transformada pela educação. Nossa cartilha, nosso “Caderno da Gente” tinha palavras gerando debates, diálogos de vida, e nas noites do Faz-Ler tanta gente pode falar de Terra - Luta - Tijolo- escrevendo -Povo- enquanto lia Vida.

Nessa experiência conheci educadores fantásticos. Neles me busco sempre que penso na esperança e no amor pela Educação e reafirmo com eles meu compromisso na construção de um mundo novo, coletivo, solidário.

Com o Projeto pude conhecer, fisicamente o educador Paulo Freire. Ele, que já havia entrado na minha vida de gente-educadora entrou um dia pela sala do Projeto faz-ler, “assuviando” uma canção de Luiz Gonzaga e, sentado depois junto a nós nos contou histórias como um velho amigo irmão que chega de uma longa viagem. Era tão próximo tudo que dizia, era tão nosso tudo que sentia, e rimos, e choramos juntos. Ele queria nos ouvir, conhecer nossa experiência educativa, imagina... ouviu nossas histórias como se fosse aquelas histórias que nossa família nos conta em noite de lua cheia ao pé da rua. Histórias com sabor de vida. Nunca conheci um professor mais amoroso, mais feliz em ser professor, por tudo que passou, pelos anos de exílio e falta física de Brasil nunca se mostrou magoado, indignado sim com as injustiças, com a vida dura dos que trabalham odia todo para construção de nosso Brasil tão rico e que a noite vão as escolas, com sonoe fome de justiça. Mais amoroso e esperançoso como criança que encontra cachoeira. Lembro bem que falamos das palavras geradoras de nosso material didático e ele, lendo atento a tudo, palavra por palavra, parecia ir vendo cada um e cada uma que ali retrata- se. E perguntou pela chuva, palavra geradora que faltava. Como fazia 05 anos sem chover, ela ali não estava. Pedi que a colocassem, representava esperança. Esperança do verbo esperar. Passamos a tarde em conversas de amigo. E parece que nunca mais nos despedimos. Fomos depois ao seu aniversário de 70 anos (1991) no Centro de Convenções-Recife, levamos pra ele uma peça do Mestre Galdino, em barro, do Alto do Moura, o mesmo barro que molda nossa mais pura história. Ele riu aquele riso de menino, encontrando no trabalho do mestre do barro suas melhores risadas. Nunca mais esqueci. Foi nessa roda de conversa que o ouvi contar de Portugal, das Mulheres do Graal, “moças educadas e amorosas” que, na clandestinidade do Regime ditador de Salazar, alfabetizaram com suas ideias. Eu a iria encontrar lá na frente, quando aqui em Portugal fiz meu mestrado e conheci as ideias de Maria de Lourdes Pintasilgo e as mulheres do Movimento Graal, conhecendo mais de perto assim a caminhada de Paulo Freire por aqui.

Do Projeto Faz-Ler segui pra tantos caminhos. Fui dirigente sindical, primeira presidente do Sindicato dos Servidores Municipais, junto com Aurilio Barbosa, ex coordenador do Projeto e líder da zona rural, homem do campo que virou Professor do seu povo. Dali andarihei para o sistema carcerário, levando o Teatro do Oprimido para as celas-salas e a metodologia de Paulo Freire pra falar de liberdade, respeito e mudanças sociais. Andarilhando também pude vivenciar junto ao grupo formador da Fundação Roberto Marinho, sob a liderança da Educadora Vilma Guimarães, a metodologia de Freire, as palavras geradoras transformadas em eixos temáticos, numa “educação para o desenvolvimento do ser”, grande eixo norteador da educação e práxis desse grupo, trabalhando por vários cantos desse nosso Brasil lindo e de gente boa, trabalhadora e pude ir a Amazônia, ao Acre, a vários estados do Nordeste, trabalhar com literatura de cordel e música popular brasileira e encantar me num fim de tarde, numa cidade da Amazônia, a beira do Rio Purus, ao ver chegar o barco que transportava os alunos e professores da aldeia para a Escola e que tinha escrito na proa “Paulo Freire”.

Paulo Freire ,Portugal e o Movimento Graal

É Paulo Freire (1992: p.175-178) que escreve sobre o encontro, em tempos ainda ditatoriais, com as Mulheres do Movimento Graal em Portugal lideradas por Maria de Lourdes Pintasilgo e Tereza Santa Clara, nos EUA, em 1969, a quem lhes chamou de “moças amorosas e dedicadas”:

“Relembro um encontro, dois anos antes (69) nos EUA, quando receberei das mãos de Maria de Lourdes Pintasilgo vários bilhetes de ex-analfabetos, dos camponeses da região de Coimbra, “me escreviam para expressar agradecimento pelo que havia feito em favor deles, para falar de sua amizade a mim e convidar, quando as condições políticas o permitissem, a ir visitá-los, abraçá-los, ouvir deles palavras de querer bem”.

É em outubro de 1974 que Paulo Freire visita Portugal, Coimbra e as mulheres educadoras do Graal, um movimento de mulheres nascido na Holanda no contexto após a segunda guerra mundial, de gênese católica, e que sob a liderança de Maria de Lourdes Pintasilgo e das mulheres do grupo do GRAAL em Portugal ousaram alfabetizar utilizando a metodologia de Paulo Freire. Esse significativo encontro, em Genebra, em 1969, encontrou Freire no exílio, trabalhando no Conselho mundial das Escolas Católicas. Pintasilgo e o grupo ao entregarem as cartas dos seus educandos a Freire entregavam também um “passaporte Educativo”, selando um compromisso dele as formarem à distância, dando continuidade as correspondências, para depois, longe das ditaduras e suas impostas injustiças, poderem se reencontrar e dar início a um processo presencial de formação e de formadores. Algumas dessas mulheres o acompanharam por vários cantos do Continente Africano, como Angola ou Moçambique, construindo projetos de alfabetização e inclusão pela via da conscientização e mudanças. Maria de Lourdes Pintasilgo foi depois Primeira mulher (e única até agora) Ministra de Portugal e ajudou a implantar uma nova política educacional baseada nos conceitos de educação e cidadania a luz de Freire e das experiências vivenciadas.

No Portugal do pós-25 de abril 1974, as ideias de Paulo Freire foram utilizadas na concepção das Campanhas Nacionais de Alfabetização (1975). O próprio “Esquema de anteprojeto do Programa Nacional de Alfabetização” (1975: p.12) faz referências a essas ideias de Paulo Freire: “Pensamos que estão criadas as condições para realizar um programa inspirado na concepção educativa de Paulo Freire, tendo em conta algumas experiências práticas que se reclamam do mesmo”. Trata-se, assim, de uma aposta numa educação conscientizadora, numa relação dialética entre a consciência e o mundo, a ação e a reflexão, o conhecimento crítico e o compromisso histórico. As ações de mobilização e alfabetização nos arredores de Coimbra promovidas pelo Movimento Graal apresentaram-se como as ações que permitiram a chegada das ideias de Paulo Freire a Portugal. Nas Campanhas de Alfabetização do verão de 1974, Lindley Cintra dirigiu cursos de formação com base nas ideias e no “Método” de Paulo Freire, elaborando, para o efeito, um manual intitulado: “Resumo do método de Paulo Freire e sua aplicação prática em Portugal”, com 20 palavras geradoras que norteou o Movimento Alfa (Movimento de Alfabetização) até 1976. A Revolução de Abril de 1974 permitiu através de várias campanhas educativas tais como as Campanhas de Alfabetização e Educação Sanitária (Verão 1974), as Campanhas de Dinamização Cultural do Movimento das Forças Armadas/MFA (1974/1975) e a proposta de educação alargada a todo o território português do Movimento de Alfabetização/Movimento Alfa. Conforme refere Matos (1979:33), o Movimento Alfa utilizaria efetivamente a metodologia de Paulo Freire evidenciando a sua pertinência no contexto histórico-político que Portugal estava a viver: “O diálogo que se promovia entre alfabetizadores e alfabetizados desenvolvia-se em torno de cada uma das palavras geradoras, incentivando a reflexão e correlacionando sons fonéticos, código escrito e vivências significativas das pessoas que aprendiam a ler. Desta forma, possibilitava-se, pela discussão, a tomada de consciência do povo português”.

Este encontro entre o Movimento Graal e Paulo Freire é de sujeitos marcados pelo contexto histórico feito de lutas em busca da democracia. Uma aproximação ideológica, cristã, solidária com as causas populares e diretamente ligada aos imperativos processos de mudanças que se viviam então nos anos de 1970.

Esse encontro gerou também meu reencontro com Freire, no mestrado em Política Social (ISCSP) através do Educador Hermano Carmo, conhecendo algumas mulheres do Movimento Graal, me tornando também uma delas, sendo voluntária na Fundação Cuidar o Futuro-instituição criada pela Maria de Lourdes Pintasilgo (in memoria) que constrói inúmeros projetos com a metodologia de Paulo Freire e o Paradigma do Cuidado, ideias que se entrelaçam na práxis vivida pelas andarilhagens que unem essas histórias. Pude também encontrar Paulo Freire na Universidade Lusófona, no grupo da Sociomuseologia. “Paulo Freire, o antinarcisista, alegre por aquilo que a sua trajetória e prática gerou, mas devolvendo

a quem ajudou a libertar a autoria do trabalho realizado, sendo assim, de forma simples, direta e franca, irmão solidário”(Pintasilgo:1998)

Paulo Freire e as audições Públicas: o paradigma do cuidado em novas andarilhagens

Reeditando um relatório feito sob a coordenação de Maria de Lourdes Pintasilgo ,recomendado pelas Nações Unidas (1993-1996) intitulado “Cuidar o Futuro- um programa radical para viver melhor” a Fundação Cuidar o Futuro organizou e construiu as Audições públicas (2018/2020). Utilizando a metodologia de Paulo Freire em comunhão com as ideias e o Paradigma do Cuidado - ideário construído por Maria de Lourdes Pintasilgo, as audições publicas são grandes rodas de conversas nas aldeias do interior de Portugal, mais precisamente na região de Condeixa, próximo a cidade de Coimbra, onde as lideranças locais se reúnem para, biografando seu cotidiano, construir uma narrativa histórico e social das suas principais inquietações e desafios sobre o tema gerador: Qualidade de Vida .“Assim, a escuta das vozes das pessoas”, a partir da realidade da sua vida, constitui o principal terreno de ensaio das opiniões que começavam a emergir, não se limitando a dados recolhidos e interpretados por outrem. É o povo dizendo sobre si mesmo ao seu próprio grupo, escolhendo palavras e temas geradores que podem contribuir para clarificar no seu cotidiano as prioridades, numa relação dialógica com sua realidade e do que dela se pode transformar. Os sujeitos, protagonistas de suas narrativas pessoais vão compondo um mosaico coletivo que faz refletir num coletivo, num contexto onde a comunidade mobilizada constitui se plenária de suas discussões e pode encaminhar através de testemunhos e lideranças por ela escolhidas as reivindicações necessárias para o caminho desejado. Educar é aprender com o povo, como lembra Paulo Freire, é preciso passar a palavra, reforça Maria de Lourdes Pintasilgo.

Essa experiência, essencialmente Freireana levantou perguntas e construiu propostas ligadas a temática geradora central: qualidade de vida, levantando um rico universo vocabular como a vida nas florestas, a natureza, alterações climáticas, a importância da educação e da escola nas aldeias, o escutismo e os processos de formação de jovens, o coletivo e a coletividade e as atividades para os maiores de 70 anos, além de discutir a questão da violência doméstica e a participação das mulheres na vida das aldeias e na políticas publicas. Podemos acompanhar e ajudar a construir essa rica experiência como educadores voluntários trabalhando na formação dos formadores e na sistematização dos temas geradores.

Sociomuseologia: Paulo Freire Presente!

Em 2018 reencontrei Paulo Freire devidamente “matriculado” na Universidade Lusófona, em Lisboa, no grupo da Sociomuseologia, uma forma nova de trazer a memória e a história dos sujeitos para além dos espaços dos museus, oferecendo bases teórico-metodológicas para que o povo voltasse a biografar suas vidas e refazer seus caminhos contidos em suas lutas, objetos e ancestralidade, conteúdo de vida que muitas vezes passam despercebidos no acervo e património museal. Nesse grupo descobria eu, a partir da companheira Anna Zidanes (Aninha) novas palavras geradoras como Judite, Moana, Claudia, Roberta, Carlos e Cristina entre tantos, gente que como eu andarilhava em busca de novos sentidos para o exercício de refazer Freire nos encontros de vida e histórias. Nesse encontro vivenciei (e vivencio) um grupo de educadores vigilantes da esperança, que em Freire ousam conjugar esse verbo de forma coletiva, em pesquisa, estudo e aprendizagens, partilha que pude incorporar a minha vida e que hoje é tema gerador desse registro e que me fez reencontrando Freire conhecer amigos irmãos, referencias já na sociomuseologia, visão alargada de um mundo feito pelos sujeitos da história, protagonistas e biógrafos de si mesmo e que nesse grupo tem voz e eco, tecedura urgente e exercício indispensável na ciranda da vida, da qual tenho a honra e a alegria de um dia terem me estendido a mão, para que, dançando juntos, nunca mais nos apartemos. Hoje, como iniciativa de podermos estarmos

juntos com outros grupos e lutarmos em outras frentes estamos, boa parte desse grupo, juntos e juntas no Coletivo Paulo Freire Portugal.

Conclusão

A sociedade defendida por Paulo Freire, é uma sociedade que nos leva a agir pela educação cidadã, promovendo a autonomia do indivíduo mas inserida numa sociedade solidária. Uma cidadania que desperta a consciência autônoma nessa grande oficina política e social que é o aprender/ensinar/apreender a educação (Freire, 1996). Paulo Freire tem uma visão da Educação ligada a um mundo em constantes mudanças feitas com e para as pessoas que se inter-relacionam de forma dialogicamente viva. Esse diálogo nunca termina, pois é vivo, e sendo assim não se conclui, está em nossa própria incompletude, na boniteza de nos completarmos nos nossos encontros e possibilidades demudar o mundo tocando as pessoas e sendo tocado por elas, através dos processos educativos. Hoje, aqui em Portugal, procuramos estar juntos e juntas sempre, nos fortalecendo nessas ideias tentando gerar uma prática dialógica que contemple nossas vivências e aponte para inéditos viáveis, sempre possíveis, no reinventar do estar vivo. É cada vez mais necessário sermos coletivos. Nesse mundo de indivíduos, onde os saberes se privatizam, a promover exclusões, é cada vez mais necessário integrar a Educação como prática libertadora. Nisto se compreende histórias e memórias, a promover protagonistas de suas próprias aldeias, regiões e quintais, a estreitar laços entre o ser e o estar, promovendo a pergunta que pode ser respondida com tantas outras como: quem sou eu e qual meu lugar no mundo? E que mundo quero construir com os meus saberes.

“É preciso não esquecer de que há um movimento dinâmico entre pensamento, linguagem e realidade do qual, se sabem assumido, resulta numa crescente capacidade criadora de tal modo que, quanto mais vivemos integralmente esse movimento tanto mais nos tornamos sujeitos críticos do processo de conhecer, de ensinar, de aprender, de ler, de escrever, de estudar.” (Freire, 1993: p.26)

Para isso estudamos, investigamos, refletimos prática e teoria, tentando no fazer esperançoso das gentes promover Educação como grande eixo temático de vida no Planeta Terra e não privilégio de alguns. Porque, como nos lembra Paulo Freire, “Estudar, na sua significação mais profunda, envolve todas estas operações solidárias entre elas”... (Freire:1993).

Referências

- CARMO,H.(2014) **A Educação para cidadania no século XXI**. Lisboa: Escola Editora.
- CARMO,H. (2019) **O Método das Audições Públicas e a formação do querer comum**.Lisboa: Fundação Cuidar O Futuro.
- FREIRE, P. (1992) **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. FREIRE,P (1968) **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro:Paz e Terra. FREIRE,P(1967) **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de janeiro:Paz e Terra
- FREIRE,P.(1996) **Pedagogia da Autonomia**. *Saberes necessários à prática educativa*.São Paulo: Paz e Terra.
- FREIRE,P.(1993) **Professora sim; tia não**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- GADOTTI,M.(1996) **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Instituto Paulo Freire.
- GADOTTI,M. (1998) **Lições de Freire**. In: *Educação, Sociedade e Culturas*, nº10. Porto:Edições Afrontamento.

NÓVOA, A, APPLE, M. (1998) **Paulo Freire: política e pedagogia**. Porto: Porto Editora.
PINTASILGO, M de L.(1989) **Uma ética global num mundo de problemas globais**.
Lisboa: Fundação Gulbenkian.

PINTASILGO, M de L.(1996) **Prefácio**. In *Paulo Freire: política e pedagogia*. Porto:Porto Editora.

PINTASILGO, M de L.(2005) **Palavras dadas**. Lisboa: Livros Horizontes. PINTASILGO,M de L.(2011) **Para um novo paradigma: um mundo assente no cuidado**. Lisboa: Afrontamento.

SANTOS, B de S.(1990) **O Estado e a sociedade em Portugal (1974-1988)**. Porto: Afrontamento.

TORRES, C.A.(1996) **Estudos Freirianos**. Buenos Aires: Libros del Quirquincho.

Periódicos:

Caderno de Sociomuseologia (2021) Volume 61. Lisboa:Edições UniversitáriasLusófonas.

Caderno ALFA-Movimento ALFA (1976) Faculdade de Letras de Lisboa